

de tão grandes conquistas da mentalidade humana, nos grandes problemas da unidade e da centralização política do mundo. E' que um novo ciclo de civilização começava sob a amorosa proteção do Divino Mestre, e as últimas expressões espirituais do grande imperio retiravam-se para o silêncio dos santuários e dos退iros espirituais, para chorar na solidão dos conventos, sobre o caíver da grande civilização que não soubera cumprir o seu glorioso destino.

Mestres do amor e da virtude.

Almas sublimadas e corajosas reenearnam-se, então, sob a égide de Jesus e para a grande tarefa de orientar as forças políticas da igreja romana, agora organizada á maneira das construções efêmeras do mundo. O Papado era a obra do orgulho e da iniquidade; mas o Cristo não desampara os mais infelizes e os mais desgraçados, e foi assim que surgiram, no seio mesmo da igreja alguns mestres do amor e da virtude, ensinando o caminho claro da evolução aos povos invasores, trazendo-os ao pensamento cristão, com vistas aos tempos luminosos do porvir.

XVII

A IDADE MEDIEVAL

Os mensageiros de Jesus.

Em todo o século VI, de conformidade com as deliberações efetuadas no plano invisível, aparecem grandes vultos de sabedoria e bondade, contrastando a vaidade orgulhosa dos bispos católicos, que, em vez de herdarem os tesouros de humildade e amor do Crucificado, reclamaram para si a vida suntuosa, as honrarias e prerrogativas dos imperadores. Os chefes eclesiásticos, guindados á mais alta preponderância política, não se lembravam da pobreza e da simplicidade apostólicas, nem das palavras do Messias, que afirmara não ser o seu reino ainda deste mundo.

Todavia, nesse pantanal de ambições floreciam, igualmente, os lírios da misericórdia de Jesus, em sublimadas realizações de sacrifício e bondade. Espíritos heroicos e missionários, cuja maioria não se encorporou aos nomes da galeria histórica terrestre, exerceram a função de novos sacerdotes da idéia sagrada do Cristianismo, conservando-lhe o fogo divino para as futuras gerações do planeta. Subordinados, embora, á disciplina da igreja romana, eles ouviam no ádito do coração a palavra eterna e suave do Divino Jardineiro e sabiam, por isso, que a sua missão era a da renúncia, do sacrifício e da humil-

dade. Roma podia negociar os titulos eclesiasticos com a politica do mundo e estabelecer a simonia nos templos sagrados, esquecendo os mais severos compromissos; eles, porém, nas suas tunicas rotas atravessariam o mundo alentando a palavra das promessas evangelicas, edificariam poucos de silencio e de misericordia, onde guardassem as tradições escritas da cultura sagrada, para os dias do porvir.

Desses exercitos de abnegados que se organizaram com Jesus e por Jesus, no seio da igreja, somos levado a destacar os missionarios beneditinos, cujo esforço amoroço e paciente conduziu grande número de coletividades dos povos considerados barbaros, principalmente os Germanos, para o seio generoso das idéias do Cristianismo.

O imperio bizantino.

Depois da morte do imperador Teodosio, eis que o mundo conhecido se reparte em dois imperios — o do Ocidente e o do Oriente — divididos entre os seus dois filhos Honorio e Arcadio. Com o assalto dos Hérulos, em 476, desaparece o império ocidental e com ele, para sempre, os resquícios da integridade do imperio romano, com a instalação do reino ostrogodo na Italia, tendo Ravena por capital, em 493.

Constantinopla é então a sucessora legítima da gran-de cidade imperial. O imperio bizantino era o depositario da legislação e dos costumes romanos. Um poderoso sôpro de latinidade vitaliza as suas instituições. Debalde, porém, as expressões romanas buscam um refúgio nas outras terras, com o objetivo de uma perpetuação. Homens energicos, como Justiniano, não conseguem salvá-las. Fôrças ocultas e poderosas estavam incumbidas de sua visceral renovação, e não obstante a sua resistencia milenar, o imperio bizantino, herdeiro dos césares, ia cair exâmome, em 1453, ao assalto de Mahomet II.

O islamismo.

Antes da fundação do Papado, em 607, as fôrças espirituais se viram compelidas a um grande esforço no combate contra as sombras que ameaçavam todas as conciencias. Muitos emissarios do Alto tomam corpo entre as falanges catolicas, no intuito de regenerar os costumes da igreja. Embalde, porém, tentam operar o retorno de Roma aos braços do Cristo, conseguindo apenas desenvolver o maximo de seus esforços com vistas ao futuro, no penoso trabalho de arquivar experiencias para as gerações vindouras.

Numerosos espíritos se reencarnam com as mais altas delegações do plano invisível. Entre esses missionarios, veiu aquele que se chamou Mahomet, ao nascer em Méca no ano 569. Filho da tribo dos Coraicritas, a sua missão era reunir todas as tribus árabes sob a luz dos ensinos cristãos, de modo a organizar-se na Ásia um movimento forte de restauração do Evangelho do Cristo, em oposição aos abusos romanos, nos ambientes da Europa. Mahomet, contudo, pobre e humilde, no comêço de sua vida, que deveria ser de sacrificio e exemplificação, torna-se rico após o casamento com Khadidja e não resiste ao assédio dos espíritos da Sombra, traindo nobres obrigações espirituais, com as suas fraquezas. Dotado de grandes faculdades mediúnicas inherentes ao desempenho dos seus compromissos, muitas vezes foi aconselhado por seus mentores do Alto, nos grandes momentos da sua existencia, mas não conseguiu triunfar das inferioridades humanas. E' por essa razão que o missionário do Islam deixa entrever, nos seus ensinos, flagrantes contradições. A par do perfume cristão que se evola de muitas das suas lições, ha um espirito belicoso de violencia e de imposição; junto da doutrina fatalista, encerrada no Alcorão, existe a doutrina da responsabilidade individual, divulgando-se através de tudo isso uma imaginação super-

excitada pelas fôrças do bem e do mal, num cerebro transviado do seu verdadeiro caminho. Por essa razão o islamismo, que poderia representar um grande movimento de restauração do ensino de Jesus, corrigindo os desvios do Papado nascente, assinalou mais uma vitoria das Trevas contra a Luz e cujas raizes era necessário extirpar.

As guerras do Islam.

Mahomet, nas recordações do dever que o trazia á Terra, lembrando os trabalhos que lhe ocmpetiam na Asia, afim de regenerar a igreja para Jesus, vulgarizou a palavra "infiél", entre as várias famílias do seu povo, designando assim os arabes que lhe eram insubmissos, quando a expressão se aplicava, perfeitamente, aos sacerdotes transviados do Cristianismo. Com o seu regresso ao plano espiritual, toda a Arabia estava submetida á sua doutrina, pela fôrça da espada e todavia os seus continuadores não se deram por satisfeitos com semelhantes conquistas. Iniciaram no exterior as "guerras santas", subjugando toda a Africa setentrional, no fim do seculo VII. Nos primeiros anos do seculo seguinte, atravessaram o estreito de Gibraltar, estabelecendo-se na Espanha, em vista da escassa resistencia dos Visigodos atormentados pela separação, e somente não seguiram caminho além dos Pirineus porque o plano espiritual assinalara um limite ás suas ações, encaminhando Carlos Martel para as vitorias de 732.

Carlos Magno.

E' depois dessa época que Jesus permite a reencarnação de um dos mais nobres imperadores romanos, ansioso de auxiliar o espirito europeu na sua amargurada decadencia. Essa entidade renasceu, então, sob o nome de Carlos Magno, o verdadeiro reorganizador dos elementos dispersos para a fundação do mundo ocidental. Quasi

analfabeto, criou as mais vastas tradições de energia e de bondade, dentro da superioridade que lhe caracterizava o espirito equilibrado e altamente evoluido. Num reinado de 46 anos consecutivos, Carlos Magno intensificou a cultura, corrigiu defeitos administrativos que imperavam entre os povos desorganizados da Europa, deixando as mais belas perspectivas para a latinidade.

Sabe Jesus quanto de lagrimas lhe custou o cumprimento de uma tarefa dessa natureza, cujo desempenho exigia as mais altas qualidades de energia e de coração. Mas, antecipando as doces comoções que o aguardavam no plano espiritual, numerosos amigos invisíveis que com ele haviam caminhado na Roma do direito e do dever, cercam-lhe a personalidade na noite do Natal do ano de 800, quando o seu pensamento em prece se elevava a Jesus, da basílica de S. Pedro. Uma onda de vibrações harmoniosas invade o ambiente suntuoso, pouco propicio ás demonstrações da verdadeira espiritualidade. Leão III, o papa da época, sente-se tocado por uma sensação de incompreensível arrebatamento espiritual, e aproximando-se do grande batalhador do bem, enge-lhe a fronte com uma coroa de ouro, enquanto a multidão designa-o, em vozes comovidas e entusiasticas, como o "imperador dos romanos".

Carlos Magno sente que aquela cidade era tambem sua. Parece-lhe voltar ao passado longinquio, contemplando a Roma do preterito, cheia de dignidade e de virtude. Seu coração derrama lagrimas como Jeremias sobre a Jerusalém das suas dores, agradecendo a Jesus os seus favores divinos.

Decorridos alguns anos sobre esse acontecimento, o grande imperador busca de novo as claridades do Além, para reconhecer que o seu esforço caía sobre as almas como uma bênção, mas o imperio por ele organizado teria escassa duração.

O feudalismo.

Depois das nobres conquistas atenienses em matéria de política administrativa, depois das grandes jornadas do direito romano, à face do mundo, custa-se a entender o porquê do feudalismo, que se estendeu pela Europa, desde o século VIII ao século XII, figurando-se ao estudioso da história, um como retrocesso de toda a civilização.

Toda a unidade política desaparece nesses tempos de luzidas lembranças para a humanidade. A propriedade individual jamais alcançou tamanha importância e nunca a servidão moral ganhou tão forte impulso. Com semelhante regime, as lutas fratricidas tiveram campo largo no território europeu, disputando-se uma hegemonia que chegava nunca na equação dos movimentos bélicos. Somente as poucas qualidades cristãs da igreja católica conseguiram atenuar o caráter nefasto dessa situação, instituindo-se as chamadas "tréguas de Deus", obrigando os guerreiros ao repouso em variados dias da semana, com o objetivo de comemorar as passagens da vida de Jesus Cristo e defendendo-se a paz com a periódica cessação das hostilidades.

Razões do feudalismo.

Esse regime, todavia, é facilmente explicável.

A missão de Carlos Magno houvera sido organizada pelo plano invisível como uma das mais vastas tentativas de reorganização do império do ocidente, mas, observando-se a inutilidade do tentame, em virtude do endurecimento da maioria dos corações, as autoridades espirituais sob a égide de Cristo, renovaram os processos educativos do mundo europeu, então no início da civilização atual, chamando todos os homens para a vida do campo, afim de aprenderem melhor, no trato da terra e no contacto

da natureza. Só o feudalismo podia realizar essa obra e as suas normas, embora grosseiras, foram aproveitadas na escola penosa das aquisições espirituais, onde a reflexão e a sensibilidade iam surgir para a construção do edifício milenar da civilização do ocidente.